

EM TORNO DE UMA POLEMICA

**Anarquismo Libertario**  
e  
**Revisionismo Autoritario**

ERRICO MALATESTA



1932

SÃO PAULO—BRASIL

EM TORNO DE UMA POLEMICA

**Anarquismo Libertario**  
e  
**Revisionismo Autoritario**

ERRICO MALATESTA



1932

SÃO PAULO—BRASIL



**Iniciamos com a publicação deste folheto uma  
série de edições de obras nossas tão necessárias  
neste momento.**

**Da acolhida deste folheto depende a publica-  
ção de novas obras.**

**O GRUPO EDITOR**

\*\*\*\*\*

**O produto da venda deste folheto reverterá  
em benefício da publicação do opusculo**

**A CAMINHO DO ANARQUISMO**

por

**Eduardo Milano**

## Revisão do Anarquismo?

Ao diffundirmos neste folheto o recente e importante escripto de Errico Malatesta, que o motivou, e que reproduzimos do semanario anárquico «L'Adunata dei Refrattari», que se publica em New York em lingua italiana, julgamos não ser inoportunos, precedendo-o com algumas digressões em torno da ordem de idéas em que se produziu a controversia suscitada por alguns anarquistas, os quaes, para sua tarefa proclamaram-se *revisionistas* e declararam-se em missão de *revêr* ou *revisar* o anarquismo em suas idéas doutrinaes e em seus factos revolucionarios.

Como vemos, á primeira impressão quizera essa controversia revisionaria afigurarse-nos inspirada num criterio de superiores intenções criticas e revalorizadoras, se supuzéssemos que os *revisionistas* trouxessem á liça um corolário de idéas novas e experiencias tomadas de fresco no campo das hodiernas agitações de idéas e de factos. Infelizmente, assim não foi.

Já de inicio, apresentou-se a controversia inquinada de animosidade, fundamentando-se em



resentimentos e ataques contra velhos experimentados e fieis militantes e propagandistas, aos quaes immediatamente «*revisaram*» com a accusação de sectários, fosseis, irremoviveis, impenetraveis, em suas idéas estagnadas, ás novas modalidades de propaganda e aos novos métodos de luta exigidos pelas condições actuaes. E nisso ficaram os revisionistas, pois nem aventaram novas idéas de critica e reconstrucção, nem esclareceram as novas modalidades de propaganda, e nem porfim enunciaram os novos métodos de luta revolucionaria.

Collocada desse modo, a controversia resolveu-se naturalmente pela scisão dos revisionistas. E nós a consideramos, mais do que uma scisão, um

## Recuo ao Autoritarismo

A argumentação fundamental dos *revisionistas* versou sobre a para nós já tão debatida questão de um programma anárquico, com virtudes de *plano* de realizações immediatas, adaptação do anarquismo á situação real de hoje, e, ponto capital, predeterminação de um organismo anárquico apto e capaz de arredar individuos e partidos que pretendessem tomar as rédeas á revolução para implantar regimens autoritarios, e, tambem, apto e capaz de conter e manejar as massas em revolução para decidil-as pela ordem social baseadas no comunismo-anárquico. Claro está, como elles proprios confessam, os *revisionistas* reconhecem nesse organismo as características e a função de *governo*. E Concluem abertamente por esse governo, que seria afinal um governo de emergencia, transitório: antes



que outros governos autoritarios se gérem da revolução, sejamos nós *governo*, provisoriamente unicamente pelo nobre fim de garantir e impôr ás massas revolucionarias a sua solução para o comunismo-anárquico. Admitamos que a intenção seja nobre, mas o facto implica o recuo para o autoritarismo, para o estatismo.

Um programma, para nós, seria aceitavel apenas no que pudesse aproveitar á maior divulgação das idéas revolucionarias e libertarias entre as massas, apenas no que pudesse valer para fortalecer a acção comum dos revolucionarios; e seria adoptavel apenas com o fito nos resultados beneficos de uma conjuncção de vontades e esforços dos libertarios, na enorme e trabalhosa tarefa em que collaborarão com as massas revolucionarias em obra de generalizar a abolição do Estado, a defesa da liberdade e a reconstrucção social sobre bases anárquicas nas sociedades e nas nações.

Mas não pode o nosso criterio anárquico sob nenhuma forma, aceitar o incerto programma *revisionista* com sua disciplina de meios e métodos, e tampouco tomar a serio o seu pronunciamento por um *governo* de anarquista, fosse embora esse governo transitorio na intenção. Isto tudo é proprio dos partidos e das tendencias autoritárias. Tanto valia que os *revisionistas* se passassem directamente, com proveito de tempo e de causa, para o campo dos comunistas de estado, na sua maxima personificação do comunismo russo. É esse o seu campo proprio, porisso que é a separação nitida e definitiva entre o comunismo autoritário e o comunismo anárquico: o primeiro, porque com sua ditadura pseu-



do-proletaria e a sua centralização mastodontica é sobretudo governo, monopólio, liberticídio, asphyxia e oppressão do individuo; o segundo, por afirmar sua razão de ser não-predominancia de classe, não governo, livre-associação, livre-iniciativa, núcleos autonomos, liberdade integral do individuo.

E nem poderíamos confundir, por fim, com nenhum programa, nenhuma disciplina e nenhuma idéa de governo o nosso conceito essencial da liberdade individual e social, que é o proprio principio fundamental da doutrina anárquica.

«Já que a revolução se apresenta como  
«social, isto é, como equilibrio das declarações  
«de todos os direitos e de todos os deveres, o  
«revolucionario por excellencia deve ser anár-  
«quico, deve apresentar-se não como adversario  
«desta ou daquela forma do Estado, sinão de  
«todo Estado, porque ali onde vê Estado vê  
«privilegio e miseria, vê dominadores e súbditos,  
«vê codigos e não direitos, vê cultos dominantes  
«e não religiões, exercitos e não delezas, escolas  
«e não educação, vê o extremo luxo e a extre-  
«ma miseria. Pontífice, rei, presidente, directorio,  
«dictadura, tál é sempre o Estado: divide em  
«duas partes a comunidade, e ali onde mais di-  
«vidir é onde, com este ou aquelle nome, mais  
«domina. Qualquer damno que aos homens possa  
«derivar da anárquia, será sempre menor que o  
«do peso esmagador do Estado. Contra o Estado  
«arremettem os anárquistas e não voltam á  
«theoria de Rousseau: não intentam refazer a  
«Natureza, sinão interpreta-la, porque affirmam  
«que a ordem natural está na anárquia. Assim  
«como as moleculas, por lei de affinidade e de



«çõesão se organizam, de igual modo se  
«organizam os homens, os quaes não necessitam  
«de nenhum poder opressor para viver em  
«sociedade. Anárquico é o pensamento e para  
«a anárquia caminha a historia.

«O pensamento de cada homem é autonomo,  
«e não obstante, todos os pensamentos indivi-  
«duaes se vão organizar em um pensamento  
«collectivo que move a historia. E para a anár-  
«quia visivelmente caminha a historia, esgotando  
«a vitalidade do Estado e descobrindo cada vez  
«mais a autonomia insuperavel entre o ser do  
«poder central e a liberdade do homem.» («Dou-  
«trina dos partidos políticos» - Giovanni Bovio).

\*\*\*

Ao finalizar, se quizermos fazer o balanço do movimento revisionista, encontramos apenas com alguns anarquistas que recuaram ao autoritarismo, ao conceber um *governo anárquico*, de character transitorio, e os quaes, dando tratos á bola para attenuar o inattenuavel máo significado do *governo* e procurando, atravez sofismas tímidos e inconsequencia inadvertidas, tirar novas derivações do conceito de governo e explicar nova significação da palavra *governo*, resumiram-se apenas em crear um paradoxo: *governo-anárquico*.

Si sabemos e sabemos que anárquia é *ausencia de governo, não-governo*, como conciliar a idéa de autoridade-anárquica, dictadura-anárquica, directorio anárquico, com o conceito fundamental de não-governo do anárquismo?

Restar-lhes-ia aos revisionistas, a dirimente da boa fé; mas não seria menos evidente a contrafacção dos que, minados pelos resabos



autoritarios, acabam devorados pelas duvidas de quem só chega a meio caminho das cogitações do problema da liberdade: «impreparação das massas a viver em anárquia, falta de uma consciencia libertaria collectiva que torne possível uma adaptação immediata, etc.».

Pois os anárquistas *sectarios*, de contrario, contiunam pensando que as massas, por serem ellas as productoras de toda a riqueza e as motrizes da vasta machina social, estão por instinto sempre preparadas a viver em anárquia; e que o facto realizado da liberdade engendrará a consciencia libertaria collectiva, adaptando-as a viver, sem necessidade de poderes opressores, nas novas condições de sua plena liberdade. dessa liberdade que os deuses, os profetas e os pastores de todos os tempos e de todas as especies tanto receiam outorgar-lhes!

*Os compitadores*



## Um «governo» que não é governo

Circunstancias pessoais e familiares muito penosas me impediram de responder em tempo á ultima (pelo que sei) de *Pardaillan*.

Pego desculpa da demora e agora respondo, pensando que antes tarde do que nunca.

\* \* \*

Está pois *Pardaillan* de accordo commigo e com todos os anarquistas em «repellir absolutamente» um governo que seja o que geralmente se entende por governo, o que foi e é todo o governo existido e existente, isto é, um orgão que faz a lei e a impõe a todos mediante a força material.

No entanto, tem elle um fraco pela palavra governo e para conserva-la, sempre ficando anarquista, pretenderia mudarlhe a significação.

Pergunta-me elle: «Podem os anarquistas, sem cessar de serem taes, conceber um governo que não tenha a significação anti-libertaria do solito governo?»



Respondo: Sim. Si eu, por exemplo, mudo a significação da palavra carrasco, posso muito bem conceber um carrasco de alma boa e sensível que não faria mal nem ás moscas; ou então, se concede á palavra cadeira a significação de lampada electrica, posso perfeitamente conceber uma cadeira que me faça luz.

Mas, de que serveria revolucionar de tal modo o diccionario? Evidentemente, serveria a entendermo-nos sempre menos.

E porque *Pardaillan*, o qual pretenderia que os anarquistas constituíssem uma força capaz de influir poderosamente no curso dos acontecimentos não hesita a collocar-se em contraste com a massa dos anarquistas e crear novas razões de scisão e portanto de fraquezas, pelo sofisma de chamar governo áquillo que não seria governo?

Elle assim raciocina: o povo está acostumado a ser governado e obedece ao governo seja elle qual for; pode em certos momentos abater um dado governo, mas isso faz com a idéa de vê-lo substituído por um governo melhor. Quem for mais agil a occupar a vaga do governo decaído e a dizer «o governo sou eu» é immediatamente reconhecido e acatado. Façamos de modo a sermos nós os primeiros em dizer o governo somos nós e poderemos fazer, não a anarquia, mas aquelle tanto de bem que possível for, a mais de contestar aos politicantes a possibilidade de explorarem a situação.

Perdoe-me o companheiro «*Pardaillan*», se lho digo um tanto rudemente: o seu raciocinio e o seu proposito parecem-me tão ingenuos de chegar quasi á infantilidade, pois que certamen-



te não seria coisa séria chamar-se governo e não fazer o que um governo deve fazer e a gente espera que elle faça, isto é, emanar ordens e faze-las executar por meio da policia, do exercito, dos magistrados e dos carcereiros.

«Pardaillan» diz que tem a impressão (não sei onde a colheu) que eu, acceitando a proposta de emprestar uma significação libertaria á palavra governo para della nos servirmos á *nossa maneira*, esteja já disposto a procurar com elles (os revisionistas) o modo melhor de impedir a este governo de se tornar aquillo que absolutamente não deve ser.

Mas si o governo fosse composto de anarquistas, quem se encarregaria da conte-lo nos limites traçados por Pardaillan? Não poderiam ser sinão os anarquistas que não estão no governo; quer dizer, que os anarquistas deveriam tratar o governo formado por seus companheiros, como tratariam qualquer outro governo. E então!

Não; será culpa do meu modo de exprimir-me, mas Pardaillan comprehende-me pelo avesso.

Eu creio — jogo de palavra aparte — que nós não poderemos nos tornar governo sinão de mistura com os partidos autoritários, e depois dos anarquistas terem perdido aquelle ardente desejo de liberdade para todos, que forma a sua especifica razão de ser. Creio mais que, si por singularissimas circumstancias, nós lograssemos *parecer* governo, muito cedo pretenderíamos *ser* governo de facto, e não seríamos melhores dos outros.

Supponhamos no entanto que conseguissemos apoderar-nos do governo, e termos á *nossa* disposição as forças do Estado, sem antes



termos cessado de ser anarquistas; supponhamos mais que conseguissemos resistir á influencia corruptora da nova posição, occupados sómente em garantir a liberdade de todos e em promover o bem geral; o que resultaria?

O povo, diz *Parduillan*, está acostumado a ser governado e si abater um governo está sempre prompto a aceitar outro. E' verdade; mas este povo aceitando um governo, espera que elle governe, isto é, que emane ordens e decretos e mande por toda parte seus funcionarios executá-las, se as ordens não veem, se não veem as novas autoridades com os relativos gendarmes, então o povo fará por si, e neste caso entrará no caminho do anarquismo; ou então accellará um governo que governe de facto.

Quer me parecer que *Parduillan* confunde completamente, se não o escopo supremo dos anarquista, bem ao certo a tarefa actual delles no movimento social.

A nossa tarefa é a de impellir o povo a reclamar e tomar todas as liberdades possiveis, provér por si mesmo ás proprias necessidades sem attender as ordens de uma qualquer autoridade. Nossa tarefa é de demonstrar a inutilidade e a dannosidade do governo, provocando e encorajando, com a prédica e com a acção, todas as boas iniciativas individuais e collectivas.

Trata-se, em summa, de educar para a liberdade, de elevar a consciencia da propria força e da propria capacidade os homens habituados á obediencia e á passividade. E' mister portanto agir de modo que o povo faça por si, ou ao menos creia fazer por si



de instincto e de inspiração propria, mesmo quando na realidade a cousa lhe for suggerida, assim um bom mestre de escola quando propõe um problema ao alumno e este não pôde resolver à primeira vista, aquelle ajuda-o, sugere-lhe a solução, mas esforça-se para que o alumno pense que conseguiu por si, e para que adquira coragem e confiança nas proprias faculdades.

E' o que fazemos, ou deveríamos fazer, na propaganda. Se *Pardaillan* já tiver feito a propaganda entre aquelles que nós com demasiada soberbia chamamos inconscientes, ter-lhe-á succedido tambem de esforçar-se por não ter os ares de expôr-lhes e impor-lhes magistralmente uma verdade conhecida e indiscutivel; elle terá procurado estimular-lhe o pensamento e faze-los chegar, com um raciocinio proprio, áquellas conclusões que podia ter apresentadas bellas e promptas mais facilmente para si, mais com menor proveito para o neophito. E se já se tiver encontrado, na propaganda e na acção, agindo de chefe e de mestre quando os outros eram inertes ou incapazes, ter-se-á esforçado em não demonstrar-se, a fim de estimular nos outros o pensamento, a iniciativa e a confiança em si proprios.

Seguindo estes criterios, precisaria portanto impellir o povo a resistir ao governo, e agir o quanto possivel como elle não existisse. Ao contrario, *Pardaillan* quizera fazer crer ao povo que ha um governo, quando governo não houvesse, conseguindo assim paralizar-lhe a acção. Desejaria elle que nós fizéssemos crêr chefes sem o ser e fazer crêr aos outros que são conduzidos quando na verdade caminham por si proprios: o



que serviria para torná-los subditos e não homens livres, papagaios e não homens inteligentes.

Em conclusão, *Pardaillan* quizera apossar-se do governo para impedir que outros o fizessem. Eu penso, em contrario, que si governo haverá de ser, aliás, si nós fôrmos impotentes de impedir que novo governo se forme, será preferivel que o formem os autoritarios antes que os «anarquistas». Um governo de autoritarios poderia encontrar um freio na opposição dos anarquistas, e se exaurir a medida que o povo aprendesse a organizar-se e fazer-se por si. Mas, de um governo de «anarquistas», quem nos livraria?

\*\*\*

E' doloroso ver-se gastar tanta energia e tanta boa vontade numa van tentativa de querer distinguir-se dos outros, quando no fundo está-se de accordo, e de querer dizer coisas novas quando na realidade não se teem ideias novas. E' doloroso ver-se que numa renovação annunciada com tanto clamôr se reduza afinal á pouco séria proposta de mudar o significado de uma palavra.

Soceguem os companheiros «revisionistas». Nós somos bem diferente coisa que não «dogmaticos». Nós estamos perturbados como elles pela procura do melhor; nós sabemos como elles que ha tantas ideias a revêr, tantos problemas a aprofundar; e acolhemos com sympathia qualquer opinião sobre a nossa conducta passada, qualquer critica, qualquer proposta, mesmo contraria ás opiniões nossas, afim de ver o que se pôde tirar em pról da causa comum. Mas somos



e queremos permanecer anarquistas e os escriptos dos «revisionistas» causam a impressão — falo por mim pessoalmente — de que se quer fazer uma evolução para methodos autoritarios. Dahl, a seisão e o tom aspero da polemica.

\* \* \*

Existem quatro problemas que, a meu parecer, constituem para os anarquistas de todos os paizes, os problemas maximos da hora presente.

1.º — Concorrer á insurreição a par de todas as forças revolucionarias progressivas, sem se deixar absorver e dominar pelos partidos mais numerosos e melhor organizados;

2.º — utilizar as organizações operarias para a demolição e a reconstrucção, contudo evitando os males e os perigos do Syndicalismo;

3.º — assegurar a alimentação do povo sem a intervenção de um poder central que, possuindo o monopolio das coisas de primeira necessidade, tornar-se-ia o peor e o mais poderoso dos tirannos;

4.º — providenciar o armamento de toda a população: coisa indispensavel, porque, se alguém (individuo, partido ou classe) tivesse o monopolio da força armada, tornar-se-ia enfim o dominador de tudo e de todos.

O meu voto é que todos trabalhem á solução — theorica e pratica — destes problemas, sem excluir naturalmente os outros com problemas que outros possam formular.

Se pudermos encontrar-nos todos de accordo, tanto melhor; e se não, faça cada qual a seu modo tudo o que possa.



O campo da lucta é immenso; ha logar para todas as boas vontades.

## Mais alguma palavra sobre o governo «libertario»

Deparo com outro artigo de «Pardaillan,» e me confirmo na opinião que o espirito animador do chamado revisionismo é a creença de que se chegaria, ou se aproximaria mais breve ao anarquismo, adoptando methodos autoritarios.

Diz «Pardaillan»:

«Si afinal uma vez o povo devesse submeter-se á imposição do novo governo, o qual pretende que elle povo retorne ao seu e faça outros... sacrificios desse genero, se por um dia se lhe devesse dar essa educação... autoritaria, que mal se lhe faria, uma vez que só desse modo elle adquire a força e o meio de poder, em seguida, obrar a seu modo e se por, portanto, no caminho do anárquismo?... O povo bem terá que se pôr nesse caminho, apesar dos seculos de obediencia á autoridade. E um dia mais de obediencia, se de obediencia falar se pôde, o que representa, maximé si pensarmos que afinal esse será o ultimo dia? Se é um acto de autoritarismo o do proprietario que me impõe de lhe não pagar mais o aluguel de casa, venha esse acto. E certo será que elle não terá que recorrer á violencia para fazer-me obedecer, porquanto bem se vê que elle faz o que eu desejo».

Mais claro do que isso?

Si é verdade, como sustentam os autoritarios



que se póde e se deve educar o povo á liberdade e ao pleno gozo dos seus direitos, obrigando-o a fazer aquillo que querem alguns homens que dispõe de sufficiente força material para fazerem-se governo, o que resta do anárquismo?

Segundo «Pardaillan», se os libertarios se tornassem governo «a primeira lei que fariam seria a de mandar o povo... retornar ao seu, e sobretudo, armar-se.» E si depois desta primeira lei elles libertarios quizessem ser *governo a serio*, como o poderiam ser?

Precisamente sendo que, quando o povo estivesse armado e tomusse posse da riqueza, seria difficil governar a serio, os «libertarios» guindado ao poder guardar-se-iam de fazer aquella tal lei de que «Pardaillan» fala.

O primeiro cuidado de todo o governo é o de assegurar o sua permanencia no poder. Sempre, e sejam quem forem os homens que o compõem. Si estes forem máos, quererão ficar no poder para enriquecerem e satisfazer a sua cobiça de mando; e se forem homens honestos e sinceros, julgarão seu dever ficar no governo para garantir a felicidade ao povo.

Por conseguinte, um governo de «libertarios» ao par de qualquer outro governo, em vez de *ordenar* ao povo que se armasse, diria que é preciso evitar e impedir que o inimigo se arme, e com essa desculpa, procuraria desarmar a todos para passar as armas só aos proprios esbirros. E mais, em vez de *ordenar* ao povo que retorne ao seu, pretendaria impedir as possiveis injustiças e compressões, e mandaria regulamentar a espropriação e a distribuição dos bens, pelos seus



comissarios, acompanhados, naturalmente, por guardas (vermelhos, nesse caso).

De resto, a liberdade e a justiça não se adquirem si não lutando contra a opressão e a injustiça. As concessões benevolas dos amos não servem. Servindo-me do exemplo do senhorio de «Pardaillan» direi que o facto de não pagar o aluguel, se não é uma rebeldia, mas um acto de obediência, não aproveita á elevação moral e tampouco ao bem-estar material.

Quem não paga porque assim se lhe ordena, pagará depois docilmente o dobro aos mesmos ou a outros patrões.

Eu não sei si os revisionistas sabem para onde os leva a sua prégação, e para onde levaria o movimento anárquico si ella fosse accelta.

Não é questão de boa ou má fé, de bondade ou de maldade.

Pode-se ser sinceramente desejoso do bem de todos mesmo sendo autoritarios. Mas não se é anárquico si não se tem a convicção de que o bem não se impõe pela força, mas sim, que se alcança suscitando no animo dos homens o desejo de conquista-lo; e si não se considerar a liberdade o primeirissimo de todos os bens—a liberdade real, bem entendido, isto é, aquella que supõe a posse dos meios para ser livres.

E' perigosa illusão a de querer crear um simulacro de governo para facilitar o triunfo da anárquia. Os anárquistas, que poderão e deverão, nas proximas revoluções, exercer em seio ás massas uma acção potente em favor da emancipação integral, não poderiam, mesmo si tivessem a força material para isso, não poderi-



em se tornar governo sinão renegando-se a si próprios e toda a sua doutrina; e neste caso seriam um governo como os outros, quiçá peor dos outros.

\* \* \*

Infelizmente os «revisionistas» de quem aqui se trata, não são os únicos anárquistas que, pela illusão de serem presticos e de andar de pressa, cáem no antaistarismo.

Já tive ensejo de occupar-me dos «plataformistas» russos; sei agora de certas tendencias, manifestas na França, que chamarei de anarco-militaristas; e venho de ler certos projetos anarco-syndicalistas que redundariam na mais opprimente burocracia.

Estejamos em guarda contra os desvios, e não esqueçamos o criterio fundamental do anarquismo: ir á liberdade por meio da liberdade.

*Errico Malatesta*

